

Música como instrumento de aprendizagem no ensino de língua inglesa na Escola Estadual Benta Solart na zona urbana de Marañ-AM-Brasil

Music as a Learning tool In English Language Teaching Estadual School Benta Solart In the Urban Area of Marañ-Am-Brasil

Matheus Alves da Silva

Graduado em Língua Inglesa (Universidade Estadual do Amazonas-UEA) Pós graduado em Letramento digital (Universidade Estadual do Amazonas –UEA) Mestre em Ciências da Educação – Universidad Del Sol - UNADES ID: 0000-0001-9595-8374 Cv:<http://lattes.cnpq.br/9582933307173110>

Jacimara Oliveira da Silva Pessoa

Professora da Educação básica no município de Coari - Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas- UFAM DOUTORA. Mestrado Em Ciências Da Educação – pela UNIVERSIDADE DE SAN LORENZO – UNISAL: . - <https://orcid.org/ID-0000-0001-9353-2185> - <http://lattes.cnpq.br/1004775463373932>

DOI: 10.47573/aya.5379.2.80.3

RESUMO

O presente estudo aborda o tema “Música como instrumento de aprendizagem do ensino da língua Inglesa em Escolas públicas do município de Marãa-Am – Brasil”. A finalidade é propor uma alternativa de ensino para estimular e melhorar a aprendizagem dos alunos com relação à aquisição da língua inglesa de forma mais dinâmica e atrativa. A pesquisa é fundamentada nas observações que esclareçam um pouco mais os aspectos tecnológicos, em específico a música, como uma ferramenta motivadora no processo de ensino-aprendizagem. Em análise dos dados ficam expressos que a pesquisa poderá apresentar argumentos favoráveis à problemática descrita. Nesse sentido, esse estudo foi caracterizado como uma pesquisa qualitativa, com estudo da literatura bibliográfica, pesquisa de campo descritivo com entrevistas sobre as categorias centrais que envolvem a temática em estudo.

Palavras-chave: motivação. tecnologias. ensino/aprendizagem.

ABSTRACT

This study addresses the theme "Music as a learning instrument for teaching the English language in public schools in the city of Marãa-Am - Brazil". The purpose is to propose a teaching alternative to stimulate and improve students' learning in relation to the acquisition of the English language in a more dynamic and attractive way. The research is based on observations that shed a little more light on technological aspects, specifically music, as a motivating tool in the teaching-learning process. In analyzing the data, it is expressed that the research may present arguments in favor of the described problem. In this sense, this study was characterized as a qualitative research, with a study of bibliographic literature, descriptive field research with interviews about the central categories that involve the theme under study.

Keywords: motivation. technologies. teaching/Learning.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino de línguas estrangeiras é indiscutivelmente mais complexo do que a língua materna. Isso acontece, principalmente, em função da falta de intimidade do aluno com o idioma estrangeiro.

De acordo com Murphey (1994), a utilização da música no ensino de língua estrangeira favorece a memorização, pois leva descontração para a sala de aula, possibilita um trabalho de repetição, sem que se perca a motivação, e abre inúmeras oportunidades para discutir várias temáticas que podem estar relacionadas a cada canção. Dessa forma, o trabalho com a música no ensino de língua estrangeira contribui para que o interesse dos alunos sobre este processo de aprendizagem seja potencializado e mantenha-se em constante motivação.

O processo de ensino aprendizagem de línguas estrangeiras têm se pautado, há muitos anos, na prática da tradução de vocabulário e no estudo gramatical, mas isso, para os alunos se mostra como uma prática desanimadora, uma vez que eles não têm motivação para o desenvolvimento desses conhecimentos na língua alvo de seu estudo. Nesse sentido, o presente estudo

busca verificar que a música como método aplicado ao ensino de língua inglesa pode mostrar-se interessante na construção do conhecimento, possibilitando, até mesmo, um melhor desenvolvimento da leitura em língua inglesa.

O estudo em questão justifica-se pela relevância do aprendizado em língua inglesa, e as dificuldades que o contato com um novo idioma apresenta, em decorrência da falta de outros falantes para praticar, ou mesmo por métodos de ensino maçantes.

Abordou-se ainda que formas de aprendizagem de língua inglesa com mais dinamismo e através de temas que envolvam assuntos do cotidiano, como a música, que está presente na realidade das pessoas, fazendo com que observem a língua em todas as suas manifestações cotidianas.

Esse estudo teve como objetivo demonstrar estratégias de aprendizado de língua inglesa com a utilização de músicas. Verificando a importância do lúdico para o aprendizado, de uma forma geral, analisando o que pode ser motivador no ensino de língua inglesa, destacando como a música pode ser importante no ensino de língua inglesa, pesquisando teorias referentes ao tema e apresentando maneiras que sejam possíveis de incentivar a leitura e a escrita em língua inglesa.

O professor como o principal mediador de tais mudanças, no contexto referido, talvez não disponha de recursos satisfatórios à essa repentina mudança, no que se refere, aos avanços tecnológicos.

Além disso, métodos dinâmicos com uso da tecnologia contribuem na formação de indivíduos críticos, reflexivos que reconheçam as dificuldades no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa.

O que se deseja alcançar nas aplicações dessas aulas com o uso específico das mídias tecnológicas, é que o aluno seja posto no centro do processo de ensino e que elas aconteçam de maneira atrativa e eficiente.

Certamente, o estímulo à capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa, fazer suposições, inferências em relação ao conteúdo, permitindo-lhe ampliar a capacidade de abstrair elementos comuns ligados a várias situações, aprimorando as possibilidades da comunicação, criando significados na utilização da língua inglesa.

ABORDAGEM DO PROBLEMA

A pesquisa demonstra que é necessário haver um olhar diferenciado aos alunos inserido no ensino de língua inglesa de EJA, essa modalidade de ensino apresenta dificuldades diversas como, a carga horária, falta de estrutura das salas de aula, escassez de recursos adequados para a aprendizagem de línguas.

LEFFA, (2006, p.10) defende a “[...]necessidade de uma política intelectual solidária de língua estrangeira”. Definindo que o contexto escolar deve estar favorável a um ensino qualificado e consciente com a realidade social do aluno, promovendo a solidariedade e a cidadania por meio específico, de língua inglesa.

Assim, desenvolver habilidades linguísticas básicas, tais como: ouvir, falar, ler e escrever em língua inglesa. Se assim for, o uso oral será praticado em situações reais de comunicação como o uso da música como instrumento de aprendizagem, elevando suficientemente o nível de aproveitamento do aluno em seu próprio contexto educacional.

LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se na Escola Estadual Benta Solar localizada na avenida 07 de maio, centro da cidade de Marã no Amazonas.

A escola atende uma demanda com 1.470 (mil quatrocentos e setenta) alunos do ensino médio, 2 (duas) pedagogas, 1(uma) gestora 43 docentes.

A priori fez-se o estudo bibliográfico, e em seguida a pesquisa de campo e exploratória, onde aplicou-se questionários semiestruturados e realizou-se entrevistas semi estruturada no período de junho de 2020, com o público-alvo da pesquisa.

Não houve dificuldade para a coleta de dados. Para atingirmos as metas estabelecidas procurou-se realizar conversação com os alunos, professores, pedagogos e gestor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Em princípio o artigo científico defende a aplicação de atividades com o uso das tecnologias acessíveis aos contextos educacionais. Esse estudo contempla um público importante no contexto social, com foco nas reestruturações que a sociedade vem sofrendo nos últimos tempos, mudanças estas que, exigem reconsiderar e reavaliar o pensamento e as ações de vida em sociedade.

Para isso, torna-se pertinente citar as abordagens de CÂNDIDO, 2009, em que faz menção à LDB definindo que a educação de jovens e adultos tem como um dos seus objetos oferecerem educação básica de jovens e adultos que, por diversos motivos foram excluídos do sistema educacional na idade adequada (LDB, 1996).

O ensino em pauta apresenta dificuldades diversas como, a carga horária, falta de estrutura das salas de aula, escassez de materiais adequados para a aprendizagem de línguas, é preciso que haja objetivos claros que justifiquem a manutenção de uma língua estrangeira no currículo das escolas.

Nesse sentido, pergunta-se qual a função do ensino e da aprendizagem de línguas estrangeiras? É preciso olhar para este aspecto com um ponto de vista geral que ensinar e aprender são atos sistemáticos, que possuem objetivos estabelecidos e que por essa razão podem ser problematizados e problematizar a função do ensino de línguas estrangeiras hoje podem causar a impressão de que esse ensino é um fenômeno recente.

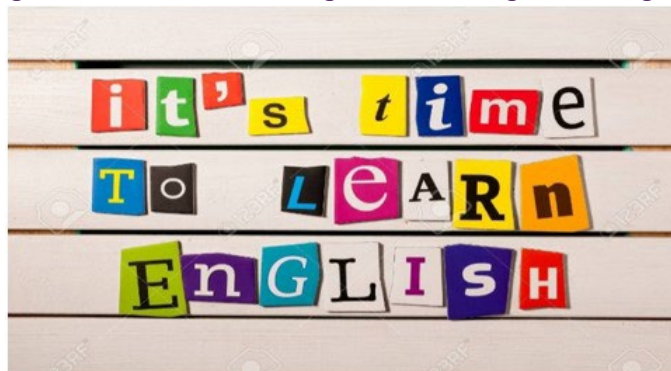
Segundo Vilaça (2006), os seres humanos são musicais por natureza, amam cantar e ouvir canções. Aproveitando-se da música para motivar as pessoas em quase todas as áreas de estudo, pressuposto defendido por Murphey (1992), Schoepp (2001), Lake, (2003), Pereira (2007) dentre outros, que afirmam que a música muda a rotina das atividades da sala de aula.

É um elemento fundamental para desenvolver as habilidades auditivas, orais, da leitura e da escrita.

O Ensino de Língua Estrangeira: Conceito e Breve Histórico No Cenário Brasileiro

O ensino de língua estrangeira é sempre um grande desafio para professores, isso porque a falta de contato constante entre o aluno e essa língua dificulta a sua assimilação, muitas vezes, os alunos não conseguem aprender um idioma estrangeiro por não encontrar uma relação entre a importância do aprendizado do mesmo com o seu cotidiano.

Figura 1– Demonstrativo figurativo da língua estrangeira



Fonte: [https://b.123rf.com/acesso em 2022](https://b.123rf.com/acesso-em-2022) Fonte: google.com.br

Pedreiro (2013) defende que o ensino de línguas não é algo recente, tendo o seu início nos primórdios da civilização humana. Desde o início desse processo, se contava com a necessidade de estabelecer comunicação entre os povos, buscando fins comerciais ou mesmo a conquista de novos territórios, processo através do qual a língua nova era imposta ao outro grupo.

Esse processo de tomada de poder pode ser exemplificado através da colonização do território brasileiro por Portugal, quando o local era habitado por índios, que tinham sua própria língua, mas que além de perderem o seu território, também tiveram que aprender a viver e falar de outra forma.

Atualmente, a necessidade de se aprender uma língua estrangeira existe com outros interesses, atualização e expansão profissional, conhecimento de novas culturas, entre outros. Santos (2011) relata que o ensino de língua inglesa foi incorporado como disciplina obrigatória no currículo educacional brasileiro em 1809, quando Dom João VI decretou a implantação do ensino de duas línguas estrangeiras, inglês e francês, que foram escolhidas com visões estratégicas, buscando o estabelecimento de relações comerciais que o colonizador, Portugal tinha com a Inglaterra e a França.

Nascimento (2008) explica que Dom João VI nomeou o padre irlandês, Jean Joyce, em 1809, como o primeiro professor titular oficial de língua inglesa no Brasil, e desde então, os métodos de ensino de língua inglesa no Brasil são pautados em questões estruturalistas e behavioristas que acabam se mostrando sem eficiência alguma para a formação de um falante da língua, isso porque realiza o processo de indução do aprendiz, buscando uma repetição exaustiva, que gera desânimo e aversão à língua.

As técnicas de ensino de língua inglesa no Brasil foram aumentadas, apenas para dar

volume à questão, mas todas elas se mostravam formas de propor a repetição mecânica e um processo de aderência às engrenagens do modelo estrutural de linguagem.

O teórico Santos (2011) explica que desde o século XIX o Brasil passa por vários processos de transformação em seu sistema de ensino, e a língua inglesa nesse contexto tem sido, por muitas vezes, ignorada, ou mesmo recebe tratamentos indevidos, sendo excluída da grade curricular, em alguns casos, contrariando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961; 1971).

Esse método teve início com o ensino do grego e do latim, mas se tornou popular apenas no século XVIII. Ao final do século XIX, se considerou que esse método não tinha a capacidade de ensinar para a comunicação oral, pois não tinha espaço para a oralidade, baseando-se na leitura, escrita e tradução, preso às normas gramaticais como principal foco de aprendizagem.

Grande parte dos métodos usados depois do GT eram oponentes ao mesmo, de maneira veemente, contudo, ainda se observa a utilização desse método para o ensino de línguas até hoje, unindo outras estratégias.

Essa maneira de ensinar é tida, no ensino de uma LE, como um treinamento mental, uma atividade intelectual de leitura, escrita e tradução. O vocabulário é ensinado em forma de lista de palavras isoladas, pouca atenção é dada ao contexto do texto. A prática de drills é comum, assim como exercícios onde os alunos devem traduzir frases isoladas da língua-alvo para a língua materna e vice-versa. A maior parte do tempo é destinada ao ensino sobre a língua. A interação superficial entre aluno e professor tem somente uma direção: é o professor como centro, o professor decide o que está certo ou errado e é ele quem provê a resposta correta. Não há a interação entre alunos. As aulas são ministradas na língua materna, com pouco ou nenhum uso da língua-alvo, e pouca ou nenhuma atenção é dada à pronúncia. Os alunos devem ler e depois fazer a tradução do texto lido (PEDREIRO, 2013, p. 4).

Dessa forma, é possível destacar que o método estruturalista se baseia em saberes técnicos, mas que não colaboram para o desenvolvimento de habilidades linguísticas próprias, que possibilitam a comunicação e a troca de experiências entre os falantes dessa língua.

Embora pareça que a Gramática e a Pragmática posicionam-se em frentes antagônicas, uma análise não passional do assunto revelará que os objetivos gerais de ambas convergem em maior ou menor grau para a comunicação. Isto é, o Estruturalismo crê que o rigor do formalismo é que viabiliza a comunicação, enquanto que a Pragmática valoriza o contexto e as inferências como elementos que justificam as estruturas linguísticas (NACIEMENTO, 2008, p. 10).

Drumon, (2013) explica que uma questão que precisa ser superada é a desvalorização da disciplina de língua inglesa não apenas na rede pública, mas acontece também nas escolas particulares.

Isso pode ser percebido através de uma carga horária muito baixa, que não é o suficiente para desenvolver um aprendizado de qualidade, entre outras questões, que deixam claro o des-caso com o ensino de língua estrangeira.

É papel do professor e dos próprios cidadãos cobrarem um ensino de língua inglesa de maior qualidade, que respeite a disciplina em sua importância, para que ela possa auxiliar na formação de cidadãos e não somente esteja na grade curricular por obrigatoriedade.

Como explicam os próprios PCNs, (BRASIL, 1998 *apud* Marzari e Badke (2013), a aprendizagem de língua estrangeira trata-se de uma possibilidade de potencializar a auto percepção

do aluno no seu papel de ser humano e principalmente como cidadão.

Dessa forma, o ensino de língua inglesa, como de qualquer outra língua estrangeira não deve ser observado como uma formalidade curricular, mas sim valorizada como disciplina que auxilia na formação plena do indivíduo que adquire o seu domínio.

A aprendizagem de Língua Estrangeira é uma possibilidade de aumentar a auto percepção do aluno como ser humano e como cidadão. Por esse motivo, ela deve centrar-se no engajamento discursivo do aprendiz, ou seja, em sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social. Para que isso seja possível, é fundamental que o ensino de Língua Estrangeira seja balizado pela função social desse conhecimento na sociedade brasileira. Tal função está, principalmente, relacionada ao uso que se faz de Língua Estrangeira via leitura, embora se possa também considerar outras habilidades comunicativas em função da especificidade de algumas línguas estrangeiras e das condições existentes no contexto escolar. Além disso, em uma política de pluralismo linguístico, condições pragmáticas apontam a necessidade de considerar três fatores para orientar a inclusão de uma determinada língua estrangeira no currículo: fatores relativos à história, às comunidades locais e à tradição (PCN, 1998, p. 15 *apud* MARZARI; BADKE, 2013).

A questão curricular é que possibilita que haja aulas de língua estrangeira em todas as escolas brasileiras, mas é a motivação para o aprendizado dessas línguas que é necessário para a mudança desse quadro preocupante.

Para Marzari e Badke (2013), o conteúdo é fundamental para o aprendizado de línguas estrangeiras, não se pode negligenciar a gramática, da mesma forma que não se pode apenas atribuir importância a ela.

Para que se desenvolva um aprendizado de qualidade em língua estrangeira, é fundamental que se aprenda quatro habilidades linguísticas, sendo elas: produção oral – fala; compreensão oral – escuta; produção escrita – escrita; e compreensão escrita – leitura.

Entretanto, nos PCNs (Brasil, 1988) conforme apontam Marzari e Badke (2013) o ensino da leitura como prioridade em relação das demais habilidades, por ser mais pertinente à proposta metodológica das escolas de educação básica, considerando o necessário para o desenvolvimento social e cultural do aluno.

Os desafios e dificuldades apresentadas pelos alunos no ensino de língua inglesa no Brasil

Segundo Vicentini e Basso (2008), as aulas de línguas estrangeiras, principalmente, ministradas em escolas públicas, normalmente, são vistas com desinteresse pelos alunos, e isso tem feito com que muitos docentes repensassem as suas práticas de ensino.

É possível apontar que esta falta de interesse acontece, principalmente em decorrência de uma ausência de foco sobre a importância do aprendizado desse idioma, e porque esses alunos não conseguem associar a presença desse idioma em suas vidas.

Drumon (2013) defende que uma pesquisa realizada pela empresa de intercâmbio EF realizada entre os anos de 2009 e 2011 e veiculada em 2012 colocou o Brasil na 46ª posição num total de 54 países em relação ao domínio da língua inglesa.

O nível de habilidade no inglês foi medido a partir de três testes online: dois não adaptativos – disponíveis gratuitamente a qualquer pessoa – e baseados em 60 e 70 perguntas, respectivamente. O terceiro, de nivelamento, foi aplicado na inscrição dos cursos da EF e consistiu na aplicação de 30 perguntas, cada uma vinculada à outra pelo grau de dificuldade. Em todos os textos, foram testadas habilidades em gramática, vocabulário, leitura e audição. Os participantes fizeram os testes a partir do próprio computador, em casa. Foram incluídos no estudo países com um mínimo de 400 participantes (DRUMON, 2013, p. 1).

Essa dificuldade do brasileiro em relação à língua inglesa reflete um cenário preocupante encontrado, normalmente, no ensino ofertado nas escolas de educação básica.

Drumon, (2013), também cita outra questão que aponta para a dificuldade do brasileiro em língua inglesa, através do lançamento do programa de aperfeiçoamento de língua inglesa para estudantes que queiram realizar intercâmbio pelo programa Ciência sem Fronteiras, que oferece bolsas aos alunos brasileiros que queiram estudar no exterior.

Segundo Marzari e Badke, (2013), o aprendizado da língua estrangeira no mundo atual é inquestionável. A língua inglesa é justificada por diversos fatores que defendem a sua importância, considerada uma língua universal, que atinge dimensões inquestionáveis por todo o mundo.

Marzari e Badke, (2013), também explicam outra questão importante quanto ao aprendizado de língua inglesa como sendo o acesso à internet com maior facilidade, considerando que muitos endereços eletrônicos oferecem apenas a opção de páginas em inglês.

Quanto à questão relacionada ao entretenimento, ouvir, entender e cantar músicas em inglês pode ser uma prática bastante satisfatória; ou mesmo a distração através de um bate-papo on-line com falantes de outras línguas, viagens diversas e uso de plataformas musicais, considerando que com o domínio da língua inglesa é possível comunicar-se com pessoas dos países mais variados.

Para Kezen (2014), o conhecimento em língua estrangeira é abordado como um direito, que assume papel fundamental para o exercício da cidadania de maneira completa, não somente para os alunos em período escolar, mas para todo o contexto populacional.

Figura 2 – Demonstrativo figurativo da língua estrangeira.



Fonte:fce.edu.br

Apontar as políticas públicas como argumentação para defender a realização do ensino de língua inglesa no sistema de ensino brasileiro não significa dizer que o mesmo está atingindo os seus objetivos.

Os conflitos mundiais têm recuperado o tema da diversidade cultural como uma prática prioritária inclusive em nível de práticas globais. Neste sentido, o ensino de língua estrangeira deve apontar para uma perspectiva plurilíngue, que considere as especificidades dos grupos com os quais atua (KEZEN, 2014, p. 01).

Metodologias usadas no ensino língua inglesa no Ensino de Jovens Adultos-EJA

Durante alguns anos trabalhei como docente da disciplina de língua estrangeira na Educação de Jovens e adultos - EJA, denominado de supletivo no ensino fundamental, tempo suficiente para conhecer um pouco da vida dos alunos, das dificuldades que enfrentam em encontrar e permanecer em um trabalho, da luta que travam para manter a família e dos desgastes com mudanças para outras localidades em busca de uma vida melhor.

Sabemos que apontar uma resposta para a evasão não é simples, pois a situação envolve vários fatores, mas questionando esses educandos sobre o desinteresse em permanecer na escola uma das justificativas mencionadas é a falta de relação entre os conteúdos escolares e aquilo que eles vivenciam na sociedade.

A metodologia é somente centrada nas aulas expositivas e cópias de textos. Os alunos da Educação de Jovens e Adultos têm uma história de vida quase sempre marcada por fracassos.

Os órgãos competentes parecem ignorar o problema, mas seria sensato investir na educação dessas pessoas para garantir a aprendizagem, estimular a assiduidade para, concluídos os estudos, eles tenham a expectativa de uma vida melhor.

Diante desse problema, percebe-se certa frustração nos profissionais que trabalham na EJA, tomados por uma sensação de impotência por não conseguirem manter os alunos na escola, apesar de todos os estímulos usados para que não desistam.

Baseada na exposição acima descrita, essa unidade didático-pedagógica vai contemplar metodologias diferenciadas que enfatize a interdisciplinaridade entre os conteúdos, específica para EJA, objetivando minimizar a evasão escolar e garantir o direito à educação.

O educador da EJA deve refletir crítica e sistematicamente acerca de suas ações educativas, justamente pelo fato da EJA ainda não possuir diretrizes e políticas públicas específicas para a formação do educador. A própria identidade desse educador não está claramente definida, encontra-se em processo de construção. Este profissional deve conhecer a EJA, sua construção como política pública, como responsabilidade e dever do Estado (NOGUEIRA; FARIAS, 2013, p. 10).

Com a implementação dessa produção didático-pedagógica estaremos dando um passo para fornecer aos nossos alunos a educação como prática da liberdade tão enfatizada pelo educador Paulo Freire (FREIRE 1999).

O plano de ensino utilizado era RatioStudiorum. Ensinavam normas de comportamento e ofícios necessários para a economia, além de conhecimentos básicos como ler e contar. Essa instrução era destinada primeiramente aos índios e mais tarde estendida aos negros e escravos (NICOLIELO, 2009).

A primeira Constituição Brasileira (1824), escrita no período imperial, assegurou uma instrução primária e gratuita para os adultos. Mesmo sendo garantida legalmente, pouco foi feito

para implementar a referida lei, pois, no final do império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta (OHUSCHI; VICENTINI, 2011).

Segundo Ohuschi; Vicentini (2011), após a proclamação da república, a educação de jovens e adultos também ficou esquecida. Na constituição de 1891, a responsabilidade pela educação básica passou para os estados e municípios.

Não adotaram nenhuma política de educação voltada para os adultos devido à fragilidade financeira em que se encontravam. Na constituição, ficou estabelecido que os analfabetos não podiam votar, portanto essa parcela da população, além de terem seus direitos negados à educação, também não podiam escolher seus representantes. Trinta anos depois da Proclamação da República, 72% da população acima de cinco anos eram analfabetos.

O educador e escritor Paulo Freire, filho de um militar, foi ensinado que o professor e o aluno devem se respeitar mutuamente. Ele pertencia a uma família da classe média, mas em 1929 viveu uma forte crise econômica e experimentou a fome.

Durante esse período de escassez, conviveu com a pobreza e, no final da década de 50, iniciou a alfabetização de crianças pobres, e, no início dos anos 60, desenvolveu um método específico para alfabetizar adultos, implantado primeiramente no Recife e, após três anos expandiu-se para todo o país.

Esse Movimento de Cultura Popular foi reconhecido como de grande importância para educação dos adultos do Brasil (FLOCK, 2010).

Com o golpe militar em 1964, Paulo Freire foi considerado subversivo e exilado. O movimento de alfabetização, o processo de educação com sua metodologia específica para adultos foi abandonado.

Em 1967, pela lei 5379, foi aprovado o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) para atender a demanda de adultos analfabetos. O programa e os educadores tinham a concepção de que as pessoas com baixo nível econômico também possuíam uma bagagem cultural.

A preocupação do MOBRAL era alfabetizar o adulto de maneira autoritária, ensinar a ler e escrever para que ele pudesse exercer sua função na sociedade (COLETI, 2008).

Para Ohuschi; Vicentini (2011) o MOBRAL não foi um programa bem-sucedido, apesar de o governo liberar significativos recursos, pois a alfabetização era funcional, não oferecia uma formação abrangente, o programa era muito aligeirado, mesmo sendo bem divulgado como tendo o objetivo de erradicar o analfabetismo.

O MOBRAL buscou provocar entusiasmo popular portando concepções e finalidades como a “erradicação da chaga social que era a existência de analfabetos” ou da consideração do analfabetismo como causa do desemprego, conteúdos presentes nos Livros-cadernos de Integração – material didático próprio e massificado para todas as regiões do país (DCE, 2006, p.18).

A Lei n. 5692/71 normatiza o ensino supletivo como uma modalidade temporária destinada aos jovens e adultos em processo de escolarização. A proposta curricular era a mesma do ensino regular, porém compactada.

Este modelo de ensino não apresentava nenhuma proposta pedagógica específica para

atender a esse público.

Segundo Martins; Gagno (2012) na Educação de Jovens e Adultos o educador deve aproveitar as experiências, o conhecimento que os educandos trazem consigo e transformar em saber sistematizado através das práxis pedagógica.

Essa valorização é uma maneira de incentivar a permanência do aluno na escola e favorecer a aprendizagem construindo um caminho para transformar a realidade em que vive, preparando-o para conviver com o mundo letrado, expor suas idéias e usufruir dos seus direitos à educação. Assim,

[...] conforme visto, o novo conteúdo não é dado pelo docente, mas construído socialmente na interação entre aluno/contéudo/professor. Se, na catarse, o aluno teve a percepção de que não aprendeu simplesmente mais um conteúdo escolar, mas um conteúdo útil à sua prática social, inevitavelmente, sua prática social final extrapolará os limites da sala de aula, concretizando-se em intenções e ações plenamente realizadas na vida realmente vivida e experienciada (DUARTE, 2015, p. 95-96).

METODOLOGIA

Tipo de investigação

A pesquisa ocorrerá no município de Maraã-Amazonas, na escola estadual Benta Solart, turma única de EJA, no período que correspondente ao ano de 2020, no ensino de língua inglesa.

A pesquisa bibliográfica buscou fundamentação teórica para a construção do estudo, através de obras já publicadas sobre o tema proposto.

O enfoque da investigação realizou-se de cunho qualitativo, de nível explicativo-descritivo, através de um estudo de caso com os alunos, professores, pedagogos, gestora.

Para Alvarenga (2012, p. 40) os objetivos desse tipo de investigação é descrever situações, entender como os fenômenos se manifesta no espaço em estudo.

Desse modo, a abordagem para Sampieri (2010, p. 567) “propõe o desenho exploratório simultâneo, onde os dados serão analisados no enfoque qualitativo”.

RESULTADOS E DISCUÇÃO

Análises dos Dados

Sampieri Mendoza,(2008),falam que a pesquisa qualitativa as vezes, parece ser contraditórias mais essas duas aproximações ao conhecimento, é simplesmente uma questão de complementação.

Inicia-se a discussão da pesquisa, apresentando os resultados das análises com base nos dados teóricos. Foi um mês de pesquisa, com aplicação de questionários semiestruturados aos participantes do estudo.

Para analise do perfil dos participantes foram observadas as características dos alunos e professores participantes da pesquisa, como: idade, gênero, renda familiar, escolaridade, entre

o outros.

Conhecer a realidade familiar, do aluno foram observados, na perspectiva dos participantes da pesquisa, os fatores que contribuem para bom desenvolvimento individual e coletivo no contexto escolar.

Contribuições através de práticas pedagógicas e ferramentas metodológicas diversificadas, ações realizadas em parceria com coordenação da pedagógica da escola contribuíram nas atividades de língua inglesa.

A pesquisa de campo foi realizada com cerca de 20 alunos da turma do 1º Etapa, Ensino de Jovens e Adultos-EJA.

Apresentação do projeto de educacional “A música como instrumento de aprendizagem no ensino de língua inglesa” desenvolvido na escola Benta Solart e 2021. São alunos da modalidade do Eja

Figura 1 - Apresentação do projeto de ação música como instrumentos de aprendizagem



Fonte: Foto do próprio autor. 2021

Essas atividades trouxeram excelentes resultados o que se refere ao desenvolvimento dos alunos no ensino de língua inglesa.

Positivamente os alunos participaram de modo efetivo das ações propostas em sala de aula. Com o uso da música nas ações em sala de aula, os mesmos passaram usar suas habilidades de pronúncia e escrita.

As ações foram divididas em etapas, assimilação do contexto de pronúncia exigida pela música, exercícios de (Listening), repetições e ensaios.

Figura 2- apresentação do projeto de ação música como instrumentos de aprendizagem com grupo 2.



Fonte: Foto do próprio autor. 2021

O ambiente de sala de aula passou a ser leve, extrovertido e atrativo para os alunos, apesar de haver problemas com timidez, vergonha no contexto de pronúncias, mas aos poucos as atividades se desenvolveram como esperado.

Figura 3 – continuação das apresentações do projeto Músicas como instrumento de aprendizagem.



Fonte: Foto do próprio autor. 2021

As aulas de língua inglesa exigem uma boa interação entre professor e aluno, por isso acredita-se nas ações com os instrumentos tecnológicos, bem como App de música que facilita o uso de traduções e pronúncias, ampliando o contexto linguístico dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o processo de obtenção dos dados chegou-se à conclusão que a Língua Inglesa é importante na educação do jovem e adulto no contexto educacional e profissional.

É a possibilidade de ultrapassar barreiras que impedem o conhecimento de algo novo,

bem como novas línguas, enriquecendo a educação de um país com uma diversidade muito grande de línguas.

Por esse motivo, se acredita que a língua inglesa deve estar concentrada no engajamento discursivo do aprendiz, em sua capacidade de se engajar no processo de comunicação.

De modo, a poder agir no seu mundo social, em outras palavras, as partes envolvidas no processo, devem ter como base o dinamismo nas ações pedagógicas com uso de tecnologias, que as quais permitam o aluno está no centro das ações educativas promovidas pela escola pública.

Nesse sentido, o trabalho foi concluído de forma que os objetivos anteriormente construídos no projeto inicial da pesquisa foram alcançados como esperado, pois as reflexões expostas sobre as contribuições que a música traz à aprendizagem do aluno concluem que pode sim ser um instrumento muito importante na assimilação da escrita e da pronúncia, melhorando satisfatoriamente o desenvolvimento dos mesmos no ensino de línguas estrangeiras.

As reflexões defendidas no trabalho poderão viabilizar novas práticas de metodologias diferenciadas no ensino da língua inglesa que estimule à capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa do aluno, permitindo-o na criação de novos significados por meio da utilização da língua.

As pesquisas e análises de obras e teorias sobre trabalho com língua inglesa no ensino de EJA se fizeram pertinentes, pois cabe ao professor, sobre tudo, um aprofundamento sobre alguns aspectos essenciais para a organização do ensino: a caracterização dos alunos e a complexidade que representa a aprendizagem de outra língua.

Portanto, o que se deseja então, que de fato as reflexões aqui expostas, façam a diferença no aspecto profissional do professor, não preocupado apenas em maquiar o ensino de língua estrangeira em seu contexto, mas que o conheçam, e ultrapassem as barreiras de suas próprias limitações tecnológicas e desenvolvam em si mesmos o desejo por mudanças em suas carreiras profissionais.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Aildson Pereira. Milho safrinha se consagra e caracteriza um sistema peculiar de produção. *Visão agrícola*, v. 13, p. 78-82, 2015.

FARIA, M. N. A música, fator importante na aprendizagem. Assis Chateaubriand:2001. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) – Centro TécnicoEducativo Superior do Oeste Paranaense – CTESOP/CAEDRHS.

FARIA, Mariza; NOGUEIRA, Talita Almeida. Avaliação do uso da Caderneta de Saúde da Criança nas Unidades Básicas de Saúde em um município de Minas Gerais. *Revista de Atenção à Saúde*, v. 11, n. 38, pág. 8-15, 2013.

HAYDUK-COSTA, Gabrielle; DRUMMOND, Neil M.; CARLSEN, Anthony N. Anodal tDCS sobre SMA diminui a probabilidade de retenção de uma ação antecipada. *Pesquisa do cérebro comportamental*, v. 257, p. 208-214, 2013

KEZEN, Sandra. A escrita de coetee: variações sobre a solidão. 2014..

LEFFA, Vilson J. Língua estrangeira hegemônica e solidariedade internacional. Tendências contemporâneas no ensino de inglês. União da Vitória, PR: Kaygangue, p. 10-25, 2006.

MARTINS, Rosilene Maria Vieira; GAGNO, Roberta Ms Roberta Ravaglio. UMA ANÁLISE DA EVASÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

MARZARI, Gabriela Quatrim; BADKE, Mariluzza Ribeiro. Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa em Escolas Públicas de Santa Maria-RS. Pesquisas em Discurso Pedagógico, Rio de Janeiro, PUC-RIO, n. 1, 2013.

MURPHEY, Tim. O discurso das canções pop. TESOL trimestral , v. 26, n. 4, pág. 770-774, 1992.

NASCIMENTO, José L.; LOPES, Albino; SALGUEIRO, M. de F. Estudo sobre a validação do “Modelo de Comportamento Organizacional” de Meyer e Allen para o contexto português. Comportamento organizacional e gestão, n. 1, p. 115-133, 2008.

NICOLIELO, Ana Paola *et al.* Fatores interferentes na alimentação de crianças de 17 a 25 meses de uma creche municipal. Revista CEFAC, v. 11, p. 291-297, 2009.

OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; VICENTINI, Dalva Linda. Teoria e prática na educação de jovens e adultos. Maringá: Cesumar, 2011.

PEDREIRO, Ana Teresa Martins. Literacia em saúde mental de adolescentes e jovens sobre depressão e abuso de álcool. 2013. Tese de Doutorado.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A globalização e as ciências sociais . Cortez, 2011.

VICENTINI, Cristina Teixeira; BASSO, R. A. A. O ensino de inglês através da música. Acedido em, v. 12, 2008.

VILAÇA, Raquel. Artefactos de ferro em contextos do Bronze Final do território português: novos contributos e reavaliação dos dados. Complutum, v. 17, n. 2006, p. 81-101, 2006.